

HABITAR O TERRITÓRIO DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA PENÍNSULA IBÉRICA

MOISÉS DE LEMOS MARTINS

Presidente da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM)

Habitar é a marca fundamental do ser, para falar com Martin Heidegger. Ou seja, a nossa identidade, seja a nossa identidade individual, seja nossa identidade colectiva, cumpre-se sempre num espaço, que é por nós habitado. Por essa razão dizemos que habitar um território é o destino a que é convocada toda a comunidade, viva, solidária e actuante.

O III Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação lembrou-no-lo de um modo claro ao centrar a sua atenção nas distintas comunidades científicas que verdadeiramente habitam o território ibérico, no caso, as distintas comunidades portuguesa e espanhola.

Os territórios são, pois, coisas vivas, uma vez que são espaços por nós habitados, espaços que de nós recebem vida. Receber de nós a vida é fazer-se sonho. Dizemos então que os territórios são mais coisa sonhada, coisa imaginada por nós, do que coisa calculada. Neste sentido, a comunidade ibérica de Ciências da Comunicação é mais sonho do que cálculo. E é um sonho simultaneamente português e espanhol.

Bem sei que no cálculo estão todos os interesses. Ou dito de outra forma, bem sei que toda a espécie de interesses nos põe a fazer cálculos. E existem interesses da mais variada ordem, interesses científicos, económicos, políticos, culturais e religiosos, que quadriculam o espaço social em relações de força que combatem entre si, e que, uma vez cristalizadas, dão estados de poder, como aprendemos com Michel Foucault.

É inegável que, pelos interesses que temos, o cálculo está sempre presente na cena social e no território. Mas é na coisa sonhada, é no território imaginado pelas nossas distintas comunidades científicas que eu gostaria de insistir nestas breves palavras. Como coisa sonhada, os territórios são uma espécie de identidade

especialmente móvel, tanto dos indivíduos como das comunidades. Utilizando uma figura que o saudoso Abraham Moles costumava utilizar, podemos dizer que os territórios que habitamos comprovam a nossa identidade ‘escargotique’ (de ‘escargot’, caracol, em português), uma identidade espacialmente móvel, que desloca o imaginário que nos envolve.

Na era da economia-mundo, de dia para dia parece impor-se a ideia de que não existe mais mundo para lá das alianças, das solidariedades e da coesão que se erguem pela força da Economia, pelo dinamismo dos mercados, pelos compromissos políticos e pelo cosmopolitismo técnico-científico. Entretanto, com os nossos países a viverem o impacto do alastramento da sociedade da informação, penso, todavia, que a nossa tarefa não pode confundir-se com uma ‘utopia cinética’, fórmula que Peter Sloterdijk utilizou para caracterizar a situação actual, com a totalidade do movimento do mundo a converter-se na execução do projecto que temos para ele. Não, a nossa tarefa, em resposta à exigência de desenvolvimento cultural e mediático das nossas comunidades científicas, não pode vincular-nos senão às tarefas do momento, aos pequenos progressos que fazem toda a diferença no exercício da cidadania.

Dizia Musil que num tempo em que toda a gente se sente autorizada a agir como comerciante não podemos deixar de falar como idealistas. E que bem que o tema proposto para o Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação ilustrou o aforismo de Musil! Quando se trata de Sociedade da Informação, a toda a gente começa a fugir o pé para o mercado dos média, para o negócio electrónico, para a e-economia, para a gestão do mercado das audiências, e mesmo para a influência no mercado global. Todos parecem agir como comerciantes. Mas ao introduzir o tema do desenvolvimento cultural e mediático do território na discussão da Sociedade da Informação, os organizadores deste Congresso deslocaram o debate. Foi o que aconteceu, por exemplo, quando foi feita a análise da cultura e dos média da Península Ibérica sob o enfoque das políticas públicas de comunicação. Neste caso, foi o tema da responsabilidade social e da cidadania, designadamente as questões ética e deontológica e da regulação dos média, que se tornaram centrais no debate.

A convocação da ética pode sugerir a convocação de uma lógica de caminho único para o sistema mediático português e espanhol. Mas não é esse o ponto de vista que adopto. Os média têm necessidade de uma direcção, sem que isso obrigue à determinação de um fim, de um *telos*, e portanto de um único caminho que a ele conduza. Penso que é possível abandonar totalmente a ideia de um fim último e único, sem que todavia devamos renunciar a darmos sentido àquilo que se passa connosco, tanto em termos individuais, como em termos sociais. E aquilo que se passa connosco é que não necessitamos mais de um sentido global e último para as nossas distintas comunidades científicas. Penso que devemos aprender a dispensar aquilo que foi uma exigência

fatal para a sociedade ocidental. Refiro-me a um sentido global e único para a história.

Mais do que respostas, que é verdade existem em abundância, aquilo que hoje verdadeiramente nos falta, e que também falta aos média naturalmente, é uma cultura de resistência, com a 'sensologia', ou o 'já sentido', no dizer de Mário Perniola, a tornarem-se categorias dominantes da cultura contemporânea, tendendo a nossa experiência a organizar-se em torno da subjectividade e da subjectividade, enquanto as nossas atitudes se enredam em atonia, demissão e conformismo.

A exigência ética de uma cultura de resistência, deve emparceirar com a ideia da afirmação da cultura ibérica no espaço europeu de comunicação, através de uma direcção comum na acção. O problema que temos pela frente é um problema de orientação e de organização. Falta-nos, com efeito, uma estratégia comum de investigação em Ciências da Comunicação, que nos consolide como comunidade científica e permita a nossa afirmação no espaço europeu.

O que nos acontece assemelha-se a uma aventura em que nos empenhemos de coração. Mas o que é próprio da aventura é que o imprevisto também está no programa. Pensando no espaço europeu de comunicação e no desafio que nós espera a todos, portugueses e espanhóis, direi que é esse trabalho de organização e de orientação aquilo que temos que conquistar ao imponderável e ao imprevisto, que são a trajectória de vida das nossas distintas comunidades científicas. Mobilidade na Península Ibérica de estudantes e professores, cooperação entre unidades de investigação, através do lançamento de programas comuns de mestrado e doutoramento, que sejam também atractivos para estudantes latino-americanos e africanos, projectos comuns de investigação e realização conjunta de colóquios e seminários, participação em redes que facilitem o trabalho cooperativo e a divulgação dos resultados da investigação, são estes alguns dos principais objectivos que figuram o sonho na Península Ibérica de uma comunidade de Ciências da Comunicação, viva, solidária e actuante.

É como signo deste desejo que merecem ser considerados os textos reunidos neste volume e deste modo dados à estampa.